

**“SER FELIZ NA ESCOLA”:
UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DA PALAVRA *FELICIDADE***

**“BEING HAPPY AT SCHOOL”:
A SEMANTIC-ENUNCIATIVE ANALYSIS OF THE WORD *HAPPINESS***

Rosa dos Santos Silva¹
Joilton Garcia do Amaral²

Data de recebimento do texto: 26/07/2025

Data de aceite: 18/08/2025

Resumo: Este artigo analisa sentidos de “felicidade” no texto “Ser feliz na escola” da revista digital “Veja São Paulo”. Mobilizamos a Semântica do Acontecimento e, como resultado, observamos um conflito constante de sentidos para a felicidade na escola associada ao lúdico e à acolhida dos professores, já que tem como efeito a secundarização do papel primordial da escola como promotora de conhecimento e formação cidadã quando o foco passa a ser a felicidade.

Palavras-chave: Enunciação. Sentido. Escola. Conhecimento.

Abstract: This article analyzes the meanings of "happiness" in the text "Being Happy at School" from the digital magazine "Veja São Paulo." We mobilize the Semantics of Event and, as a result of the analysis, we observe a constant conflict in the meanings of happiness in school associated with playfulness and teacher's welcome, since this has the effect of sidelining the primary role of the school as a promoter of knowledge and citizenship formation when the focus becomes happiness.

Keywords: Enunciation. Meaning. School. Knowledge.

¹ Mestra em Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

² Doutorando em Linguística (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Considerações iniciais

A questão sobre a felicidade já era explorada na filosofia antiga, desde Sócrates até Aristóteles. Na Grécia Antiga, a felicidade, ou *eudaimonia*, era entendida como a realização plena da alma (*daimonon*), algo que Platão e Aristóteles discutiam como o objetivo maior da vida. Platão, por exemplo, citava o famoso conselho inscrito no templo de Apolo em Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. Esse princípio orientava o indivíduo a conhecer suas próprias capacidades e viver de acordo com a “medida certa”, sem excessos, reconhecendo sempre sua mortalidade. Assim, a felicidade seria alcançada vivendo em equilíbrio e harmonia consigo mesmo³.

Partindo do exposto e relacionando a felicidade ao ambiente escolar, podemos nos perguntar: de que o aluno necessita para ser feliz na escola? A resposta a essa pergunta pode ser encontrada em fragmentos de um texto presente na revista “Veja São Paulo”, na coluna “A tal felicidade”, de 15 de junho de 2022. No texto, intitulado “Ser feliz na escola”, a diretora Denise Desiderá apresenta uma reflexão e afirma que “a felicidade se encontra nas crianças correndo, em suas risadas na hora do intervalo” e, em seguida, acrescenta que “outro ponto importante [para a felicidade] são os relacionamentos sociais, a interação com a sociedade”.

O italiano Vittorino Andreoli⁴ questiona o uso da palavra felicidade, acusando-a de se referir apenas ao ego. Ele argumenta que a plena realização da pessoa acontece na comunicação, na inter-relação, no diálogo, na abertura e no encontro com outros seres humanos, desde a concepção, o nascimento, e por toda a vida.

Por isso, Andreoli indica outra palavra, usada como sinônimo de felicidade, mas com sentido e etimologia diferentes: o termo alegria, que em italiano significa *gioia*. Ele observa que esse sentimento está ligado à relação e se refere ao “nós”. A alegria de viver está associada ao “ser-nos” (*esserci* em italiano). A verdadeira alegria acontece somente em um relacionamento positivo com o(s) outro(s). A beleza do existir é movimento; consiste no ser-com, no viver-com.

³ Conferir matéria em <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/eudaimonia.htm>.

⁴ Ver o discurso no Youtube, no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=c-eH9fkFBqg>, acessado em 19/09/2024.

Considerando a multiplicidade de sentidos que envolvem as diversas abordagens sobre a felicidade, o grupo de pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso (LED) da UNICAMP tem explorado variadas discussões nas quais a felicidade é tematizada. Ao considerar essa temática pela perspectiva da mídia, dado o potencial dos veículos de comunicação em disseminar representações, ideias e sentidos, este artigo tem como objetivo analisar como a palavra “felicidade” é significada no texto “Ser feliz na escola”. Com isso, partimos da hipótese de que os sentidos de felicidade constituídos nesse texto apagam o papel preponderante da escola como centro de produção e difusão do conhecimento.

A importância deste estudo recai no fato de dar visibilidade à contradição entre os sentidos de felicidade na escola, onde o conhecimento é apagado como fator de felicidade, sendo substituído por elementos como o lúdico, o acolhimento dos professores, as amizades e o retorno ao ambiente escolar, que, segundo a diretora, são os verdadeiros pilares para fazer os alunos felizes.

A fim de fundamentarmos nossa análise e discussão dos sentidos de felicidade, utilizaremos a teoria da Semântica do Acontecimento (SA), proposta pelo linguista Eduardo Guimarães (2002, 2009, 2018), que parte do pressuposto da opacidade da língua e de que o sentido se constitui na enunciação, no acontecimento do dizer.

Para empreendermos nossa análise, além de mobilizarmos os pressupostos teóricos mencionados, utilizaremos os procedimentos analíticos próprios da Semântica do Acontecimento, que incluem a reescrituração e a articulação.

Para observarmos os movimentos semânticos da palavra felicidade, trabalharemos com a reescrituração como procedimento enunciativo fundamental à análise. Trata-se, justamente, de descrever, interpretar e compreender o percurso da significação na textualidade da revista “Veja São Paulo”. Afinal, que sentidos são produzidos para felicidade? Como esses sentidos se movimentam nos dizeres da entrevistada? Que efeitos esses sentidos produzem/produziram na educação?

Semântica do Acontecimento: teoria e procedimentos enunciativos

Para a Semântica do Acontecimento, os sentidos são produzidos numa relação interna à língua, sendo essa relação compreendida no contexto da história. A enunciação estabelece uma relação do sujeito com a língua, sendo uma prática política, pois coloca o conflito no centro do dizer.

A SA considera “[...] o enunciado como unidade semântica de análise, definida por sua relação de integração ao texto” (GUIMARÃES, 2018, p. 8). Ou seja, o texto é uma dispersão de sentidos, pois é na enunciação que os sentidos são constituídos, e o enunciado, por sua vez, é tratado como parte integrante de um texto, logo, “são as relações enunciativas do acontecimento que constituem sentido” (GUIMARÃES, 2009).

Para compreender como esses sentidos são formados, é necessário entender que a SA apresenta a relação existente entre o sujeito e a língua (GUIMARÃES, 2002). De acordo com essa vertente, a língua não é transparente, e sua relação com o real é histórica. Nesse sentido, Souza (2019, p. 30) nos esclarece que

a partir da noção da não transparência da língua, a SA estabelece que o objeto de análise sejam expressões linguísticas presentes em enunciados, enquanto enunciados de um texto – que, nesta filiação teórica, é entendido por uma dispersão de sentidos e que integra enunciados.

Desse modo, o sujeito também não é transparente e não possui controle sobre os sentidos daquilo que diz, uma vez que, em nosso quadro teórico, o sujeito, não sendo a origem do sentido, é tomado por ele e é agenciado a dizer o que diz pelo espaço de enunciação. Com isso, nas palavras de Guimarães (2009, p. 50) “o Locutor só é Locutor enquanto falante determinado por este espaço político do dizer, o espaço de enunciação”.

Para a SA, não se trata de estudar enunciados descontextualizados, mas de analisar o texto como “uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2011, p. 19). O texto é considerado objeto de análise dos funcionamentos das expressões linguísticas, já que seus sentidos estão relacionados com os textos nos quais elas estão inseridas (GUIMARÃES, 2011).

Guimarães (2011), ao conceituar texto, pelo viés da SA, e apontar que os sentidos se constituem dentro do acontecimento, propôs também o seguinte procedimento de análise de texto:

- 1) toma-se um recorte⁵ qualquer e produz-se uma descrição de seu funcionamento;
- 2) interpreta-se seu sentido na relação com o texto em que está integrado;
- 3) chega-se a, ou toma-se, outro recorte e faz-se dele uma descrição;
- 4) interpreta-se seu sentido na relação com o texto em que está integrado, tendo em vista a interpretação feita do primeiro recorte;
- 5) busca-se um novo recorte, etc., até que a compreensão produzida pelas análises se mostre suficiente para o objetivo específico da análise (GUIMARÃES, 2011, p. 45).

⁵ Guimarães (2011) explica que um recorte é um fragmento do acontecimento da enunciação.

Com isso, Guimarães destaca que, para a análise, não se deve seguir a linearidade textual, mas realizar recortes do texto com o objetivo de descrevê-los e interpretá-los. Deve-se considerar “o funcionamento da linguagem, pensando nas condições em que os acontecimentos enunciativos se produzem” (GUIMARÃES, 2011, p. 45). Nesse sentido, a partir da posição teórica adotada, ancoramo-nos nos conceitos propostos pelo autor que nos auxiliam a compreender os sentidos estabelecidos nos enunciados.

A contribuição da SA para a análise de texto na sala de aula nos aponta os conceitos de reescrituração e articulação. No que diz respeito ao primeiro, Guimarães (2005, p. 17) define que é “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito, fazendo interpretar uma forma como diferente de si” que pode ser nomeada como predicação, não a da sentença, mas aquela em que, “no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos, dentre eles a repetição, a substituição, a elipse, a expansão, a condensação e a definição” (GUIMARÃES, 2007, p. 84). O segundo, a articulação, é o “procedimento enunciativo que estabelece relações semânticas com outros elementos linguísticos” e é “uma relação de contiguidade significada pela enunciação” (GUIMARÃES, 2009, p. 51). Este procedimento ocorre mediante três modos: na dependência, os elementos são organizados de modo que sejam um único; na coordenação, os elementos são acumulados e relacionados por proximidade; e na incidência, os elementos são relacionados sem dependência (GUIMARÃES, 2018). Nas análises a seguir, a partir desses conceitos, vamos observar como as expressões linguísticas estão funcionando e os sentidos que são atribuídos no texto.

Outro conceito que será mobilizado em nosso trabalho, proposto por Guimarães (2018), trata-se do político apontado no seu livro “Semântica, Enunciação e Sentido”. De acordo com o semanticista, o político

se caracteriza pela oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam: organizam os lugares sociais e suas relações identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas, significando-as. Por este conflito o real se divide e redivide, se refaz incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos (GUIMARÃES, 2018, p. 50).

O político é a base das relações humanas e tais relações se dão por intermédio da linguagem. Na SA, o político está relacionado às divisões enunciativas na configuração do dizer, ou seja, às representações dos sujeitos e aos gestos de afirmação de pertencimento desses sujeitos em relação a um objeto de dizer.

Para compreendermos o funcionamento do político como conflito nas relações entre língua e sujeito, é importante observarmos que o acontecimento se dá no espaço de enunciação, definido por Guimarães (2002, p. 18) como “[...] um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político”. Ou seja, consiste em um espaço de relação entre línguas e falantes, visto que esse espaço tem como característica uma disputa incessante pela língua numa relação de inclusão/exclusão. Essa divisão política não finda, pois há uma busca constante pelo direito de falar. Dessa forma, o falante tomado pelo espaço de enunciação é agenciado a falar. Esse agenciamento, ainda segundo o autor, corresponde à cena enunciativa.

A cena enunciativa, por sua vez, corresponde a um espaço de divisão dos lugares de enunciação no acontecimento. Para a análise do *corpus*, mobilizaremos também esse conceito tal como desenvolvido por Guimarães (2002, p. 23), que “se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra, dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas”. Sendo que, “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo, constituindo lugares compostos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer.

A forma linguística “felicidade”, na escola, será posta em relação com as figuras da enunciação, que são representações do sujeito falante na enunciação. A primeira delas é o Locutor (L), que se representa como origem do que se diz. Mas, para que o Locutor fale, é preciso que ele ocupe um lugar social (alocutor-x) que o autoriza a falar, como o da diretora, no caso de Denise Desiderá. A enunciação do Locutor projeta lugares de ancoragem do dizer – os enunciadores – que se representam como: “individuais (associando o dizer a um indivíduo), genéricos (projetando o dizer como pertencendo ao senso comum), universais (produzindo um efeito de verdade sobre o dizer), ou coletivos (projetando o dizer como pertencendo a um grupo específico)” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2015, p. 216). A cena enunciativa também nos ajuda a compreender como os sentidos de felicidade estão funcionando no texto para análise.

Aspectos metodológicos

Nossa análise textual se concentra no artigo de opinião escrito pela diretora Denise Desiderá, do Colégio Pentágono, Unidade Alphaville, para a coluna “A Tal Felicidade” da revista “Veja São Paulo”, em que ela discute o compromisso e o tema do colégio em 2022:

“Ser feliz na escola”. Para realizar nossa análise, destacamos nove recortes, denominados de R1 a R9.

No texto, a diretora questiona: “Se ser feliz é experimentar sentimentos positivos, será que é possível ser feliz na escola, onde há regras para convivência harmônica?” Ela sustenta o sentido de que os alunos são felizes na escola que ela dirige, fundamentando-se em algumas metodologias que a instituição adota para proporcionar esse sentimento aos educandos.

Neste estudo, buscaremos refletir sobre o funcionamento do conflito político na divisão de sentidos de felicidade, que se manifesta em suas contradições por diferentes direções semânticas, tais como: brincar livremente, liberdade pessoal, crescimento individual, acolhimento e obrigação social.

Análise do *corpus*

Partindo da premissa de que a argumentação funciona como sustentação ao que se enuncia, vamos às análises dos recortes do nosso *corpus*, do R1 ao R9.

R1: “Ser feliz na escola”.

O primeiro recorte, o R1, está presente no título do texto. Nele, percebemos que há uma reescrituração por condensação, pois resume a enunciação apresentada pelo alocutor-diretora ao longo de todo o texto acerca da felicidade dos alunos. Os enunciados que aparecem após o título são reescriturados pelo procedimento de expansão, uma vez que o alocutor-diretora amplia o já dito ao apresentar definições para a felicidade, como serão apresentadas mais adiante. Em relação a esses momentos, tais enunciados remetem a memoráveis de representação dessa felicidade.

Ao observarmos as pessoas ao nosso redor, é possível perceber que a maioria segue uma fórmula ensinada de maneira sutil – ou nem tanto – nas escolas, nas empresas, pelas famílias ou pela sociedade em geral. Essa fórmula se baseia na ideia de que, com esforço e dedicação, se alcança o sucesso, e, só então, se pode alcançar a felicidade. Essa crença fundamenta o que pode vir a nos motivar na vida. Podemos exemplificar dois casos: “Se meu salário aumentar, serei feliz”; “Se for aprovado no concurso, com certeza, alcançarei a felicidade.” Assim, espera-se o sucesso antes da felicidade. No entanto, voltando à análise

do R1, o alocutor-diretora, ao propor que a felicidade pode surgir das ações adotadas pela escola, sugere uma inversão desse processo, oferecendo-a como um primeiro passo e não como uma consequência. Contudo, julgamos que essa abordagem, ao tentar proporcionar felicidade imediata, pode desviar a escola de seu papel essencial, que é o de promover o conhecimento como ferramenta de emancipação e liberdade crítica. Desse modo, pensamos ainda que a felicidade apresentada pelo alocutor-diretora, ainda que bem-intencionada, pode correr o risco de ofuscar o objetivo principal da educação: formar cidadãos capazes de entender e transformar o mundo a partir do saber.

R2: “a felicidade se encontra nas crianças correndo, em suas risadas na hora do intervalo”.

Dando continuidade, nessa enunciação do R2, o alocutor-diretora apresenta um conceito não categórico sobre o que é felicidade, haja vista que utiliza o verbo hipotético “acreditar” para demonstrar o seu julgamento sobre tal palavra. Além disso, acreditamos que sua conceituação parte do seu ponto de vista, levando-se em consideração que, no texto, ela fala sobre sua experiência em seus longos 25 anos na escola, e ainda faz referência a que essa felicidade se estrutura numa base de consolidação do aluno ao longo de seu crescimento como cidadão letrado. De modo geral, julgamos que a felicidade, nessa passagem, está alinhada ao fato de as crianças se sentirem livres nos momentos de diversão escolar; ao contrário, se relacionarmos à sala de aula, elas não sentiriam tanto essa liberdade, posto que o ambiente, muitas das vezes, se torna mais sério, a depender de como é ministrado o conteúdo pelo professor.

A Revista “Veja São Paulo”, como meio de reflexão para sair do sofrimento e experimentar estados internos mais elevados de felicidade, traz para sua matéria o título “A tal felicidade”. Nesse caso, o alocutor-x, ou seja, o lugar social do dizer, assume a autoria do enunciado por meio de uma assinatura, Denise Desiderá, creditada no cabeçalho do texto. Além disso, é apresentado um pronome pessoal elíptico (eu) no singular de modo a sustentar sua posição. Isso pode ser percebido no R3 apresentado a seguir.

R3: “Entre as muitas possibilidades, uma que sempre gosto de lembrar é a versão da felicidade para a psicologia, que nos mostra que nascemos para o prazer”.

Nesse excerto, temos um enunciador-individual marcado pela presença do sujeito elíptico na expressão “uma que [eu] sempre gosto de lembrar”. Em seguida, nesse mesmo recorte, no entanto, esse lugar de dizer individual é contraposto por um enunciador-universal, por meio da citação indireta dos dizeres de outros Locutores, considerados autoridades sobre o assunto: os profissionais da psicologia. Embora, devido ao fato de tratar-se das opiniões de indivíduos específicos, julgamos que o lugar de dizer dessas enunciações pode ser interpretado como o de um enunciador-individual, porém, o elevado grau de verdade atribuído a essa citação pelo alocutor-diretora possibilita que esses lugares de dizer sejam caracterizados como enunciadores-universais, conforme dito anteriormente.

Nesse caso, o enunciador-universal constata que nascemos para o prazer. E o prazer promove a felicidade e isso é posto desde o momento que fomos concebidos, conforme nos propõe o verbo “nascemos” na primeira pessoa do plural. Nesse caso, não há distinção em quem deve ser feliz ou não, pois a vida é concebida para todos.

Consideraremos agora o funcionamento das figuras enunciativas na cena enunciativa do R3. Pelo agenciamento das sistematicidades linguísticas, temos um falante que é instituído em Locutor (L) e que diz algo a alguém, ou seja, ao Locutário (LT). Sendo assim, na configuração da cena enunciativa desse *corpus*, temos: o Locutor (L = Revista “Veja São Paulo”) representado por um “eu” que diz em nota para um “tu” (LT = leitores da revista). Pelo agenciamento das condições sociais e históricas do falante, temos um alocutor-x (lugar social de quem diz = diretora) que rediz a um alocutário-x (alvo social para quem se diz = leitor virtual) sobre os métodos que a escola adota para proporcionar felicidade para os alunos. Tratando-se de um texto (R3) constituído de discurso relatado, acreditamos que o redizer da revista “Veja São Paulo”, talvez possa produzir um sentido específico de atrair mais público para a unidade de ensino, uma vez que se trata de uma escola particular, cuja mensalidade, por estar localizada em bairro nobre, é elevada.

R4: “a felicidade depende de contrapontos (...) garantir a felicidade de todos depende de uma postura proativa”.

No tocante ao R4, observamos que, no primeiro enunciado, aparece a palavra “felicidade” que se repete no segundo enunciado. Nesse caso, o termo felicidade é reescriturado por repetição. Ou seja, repetir é redizer (GUIMARÃES, 2018) e isso é crucial para entender qual o sentido de felicidade em qualquer um dos enunciados em que aparece.

Essa análise leva a encontrar dois caminhos de determinação do sentido de felicidade. A palavra se repete (reescritura-se), várias vezes, no texto. Nessa repetição, vai recebendo predicacões: no primeiro caso “depende de contrapontos”; no segundo, “de todos depende de uma postura proativa”. Nessa linha de retomadas, no primeiro caso, julgamos que felicidade é subjetiva e está ligada aos fatores externos, já no segundo termo, a felicidade depende da postura da própria pessoa, ou seja, uma postura proativa.

Após essa análise, daremos sequência a uma reescrituração por substituição. Ela se encontra no R5.

R5: “Para mim, a felicidade na escola começa quando os alunos percebem o interesse do professor por eles”.

O termo “alunos” é reescriturado por substituição por “eles”. Segundo Guimarães (2018), essa substituição é muito conhecida, já que se trata de uma anáfora. Nesse enunciado, o alocutor-diretora destaca que a felicidade dos alunos na escola começa com a percepção do interesse que os professores demonstram por eles, produzindo sentido de que a atenção e o cuidado desses profissionais funcionam como um ponto de partida essencial para a satisfação e o engajamento dos estudantes no ambiente escolar. Essa reescrituração anafórica reforça o vínculo entre professor e aluno, ao mesmo tempo que evidencia a centralidade da figura do docente como catalisador de um ambiente escolar mais feliz e receptivo para os estudantes, secundarizando, desse modo, o papel do professor na escola.

Ainda sobre o recorte em questão, no trecho, há um movimento interessante na cena enunciativa logo que o alocutor-diretora apresenta um enunciador-individual, com seu argumento de autoridade, ao apontar que a acolhida do professor é o ponto chave para a felicidade dos alunos. No entanto, o sentido construído para “interesse do professor” pode ser interpretado não como uma demanda pedagógica, mas como uma imposição emocional, o que questiona a função essencial do professor de mediar o conhecimento. Julgamos que a substituição dessa função pedagógica por uma função afetiva é um ponto de tensão, pois atribui ao professor a responsabilidade de criar um ambiente afetivamente “feliz”, em vez de estimular a felicidade que nasce da autonomia intelectual e da conquista do conhecimento.

R6: “Essa relação nutrida de forma saudável gera alegria, satisfação, esperança e, portanto, felicidade”.

No R6 selecionado, a palavra felicidade é reescriturada por enumeração pelos termos “alegria”, “satisfação” e “esperança”, os quais, por sua vez, articulam-se por coordenação e são dispostos como se fossem um só ou de natureza igual de cada um dos constituintes (GUIMARÃES, 2009), de modo que instauram sentidos de plenitude e bem-estar coletivo.

Acreditamos que essa estrutura enumera as nuances que compõem a felicidade e dá visibilidade aos elementos emocionais e psicológicos que, quando presentes em uma relação saudável, contribuem para a construção de uma experiência positiva e integradora. No entanto, é importante destacar que, embora esses sentimentos reforcem um ambiente acolhedor, promovido pela diretora escolar, a função essencial da escola não é apenas agenciar tais estados, mas assegurar que o aprendizado, o desenvolvimento intelectual e a formação cidadã sejam suas prioridades, pois é a partir do conhecimento que a satisfação e a realização mais profundas são alcançadas.

O alocutor-diretora apropria-se, simbolicamente, de sua “autonomia” em decidir pela sua nomeação e, nessa medida, pelo que significa “felicidade”. Trata-se, portanto, no espaço de enunciação, de um ser agenciado na cena enunciativa e autorizado a dizer, ao passo que constitui sentidos a si, aos demais membros da unidade escolar e a outros alocutários que se identifiquem com a proposta da escola. O alocutor-diretora inclui-se como aquele que pode dizer e não como aquele que é “dito” por outros. Essa postura confere-lhe um papel de liderança peculiar, no qual a sua definição de felicidade torna-se parte integrante da identidade e dos valores da escola, como “sugestão” de ser adotada por outros membros que compartilham ou se inspiram nessa visão institucional.

R7: “Outro ponto é o estímulo a recompensas. Quando o aluno estuda e vê o seu esforço no resultado e percebe assim quanto aprendeu, ele certamente está no caminho para alcançar a felicidade mais genuína no espaço escolar”.

No excerto do R7, o alocutor-diretora relata que, para se alcançar uma felicidade pura, o aluno percorre um caminho que é pautado na percepção do aprendizado e dos resultados positivos advindos do ato de estudar, sendo estimulado mediante recompensas. Nesse ponto, podemos inferir que a palavra felicidade retoma a expressão “estímulo a recompensas”, dita antes de apresentar os estímulos. Nesse caso, a felicidade seria a recompensa. Logo, “estímulo a recompensas” determina “esforço no resultado” que

determina “felicidade”. Nesse caso, há uma reescrituração por expansão, uma vez que enumera quais são os estímulos (esforço no resultado) e qual a recompensa (felicidade).

Nesse recorte, ao introduzir o enunciado com “outro ponto” predicado por “é o estímulo a recompensas”, há a produção de sentido de que já existem outras coisas que deixam o aluno feliz. Pela análise anterior, acreditamos que se trata das estratégias adotadas pela escola na promoção da felicidade. Além disso, esse é o primeiro enunciado em que o alocutor-diretora relaciona felicidade no ambiente escolar ligada ao esforço nos estudos, embora seja posto como recompensa.

Ainda relacionado ao enunciado, no excerto “Quando o aluno estuda e vê o seu esforço no resultado e percebe assim quanto aprendeu, ele certamente...”. O termo aluno é reescriturado por elipse em “e [o aluno] vê o seu esforço no resultado”; e por substituição em “ele”. Se “ele” reescreve aluno, então aluno é também uma reescritura de “ele”. Ou seja, a relação em questão é simétrica.

Conforme nos propõe Guimarães (2009), a reescrituração não se constitui pela ordenação dos elementos linguísticos. Ela “opera os modos de integração dos enunciados com o texto” (GUIMARÃES, 2009, p. 53) sendo uma relação que tem a ver diretamente com o fato de que os enunciados e seus elementos significam em virtude do texto que integram.

R8: “Oferecer felicidade aos alunos é uma tarefa que demanda uma compreensão holística das necessidades de um jovem, entendendo seus medos, inseguranças, vontades e sonhos. Ter seu estado emocional considerado e cuidado faz com que o aluno se sinta compreendido”.

Nesse ponto do R8, o alocutor-diretora começa abordando a felicidade como algo que pode ser “oferecido”. Isso ocorreria, de acordo com os argumentos do alocutor-diretora que são postos, em sequência, no texto, na medida que as necessidades de um dado jovem fossem compreendidas no seu todo. De acordo com a enunciação do alocutor-diretora, após o jovem ser acolhido em suas necessidades, a tal da felicidade seria-lhe concedida. Mas será que ela ocorre assim? Qual a razão para ela existir? Não temos respostas a essas indagações. A felicidade ocorre quando menos esperamos e, às vezes, nem notamos que ela realmente existe.

Nesse caso em específico do R8, julgamos que as palavras “medos”, “inseguranças”, “vontades” e “sonhos” são relacionadas à busca da felicidade. Em seguida a esse trecho, há uma reescrituração por substituição. A utilização da expressão “estado emocional” retoma as palavras apresentadas. Sendo assim, a palavra em análise, felicidade, não é reescriturada nessa passagem, mas outro termo é utilizado como argumento para se chegar a ela, qual seja, “estado emocional”.

R9: “É assim que as crianças chegam à felicidade plena na escola: sendo apenas felizes”.

Por fim, no R9 selecionado, percebemos que há um conflito político entre a "receita" de felicidade oferecida pela escola e a afirmação final do alocutor-diretora, que sugere uma concepção mais simplista e essencialista da felicidade: “sendo apenas felizes”. No contexto da entrevista, o alocutor-diretora discorre sobre várias estratégias da instituição para “oferecer” felicidade, mas, ao final, conclui que a felicidade plena no ambiente escolar se resume à simplicidade de “ser feliz”.

Aplicando os mecanismos de análise discutidos anteriormente, percebe-se que o enunciado apresenta uma reescrituração por condensação: o termo “é assim”, junto ao verbo “ser” e ao advérbio “assim”, atribui um sentido conclusivo, como se todos os caminhos apontados pelo alocutor-diretora fossem sintetizados nessa ideia final. Essa escolha lexical instaura o sentido de generalização, sugerindo que a felicidade no ambiente escolar não depende necessariamente dos processos e estímulos específicos detalhados anteriormente, mas de uma condição interna e autônoma de cada aluno.

Pensamos que essa disputa política entre a “receita” de felicidade (composta por métodos institucionais) e a ideia de “ser apenas feliz” reflete uma dissonância nos objetivos da escola e a própria noção de felicidade. Embora a diretora mencione esforços para estruturar um ambiente feliz, o enunciado final relativiza esses esforços, sinalizando que a felicidade verdadeira pode surgir de uma experiência simples e descomplicada, independente das estratégias ou intervenções escolares.

A expressão “É assim que as crianças chegam à felicidade plena na escola” é reescriturada por definição por um “sendo apenas felizes”. A reescrituração por definição, segundo Guimarães (2007, p. 86), se caracteriza “como um modo de definir o termo”, ou seja, a felicidade plena é o estado individual de felicidade.

Analisando os recortes e com uma descrição das reescrituras do nome "felicidade" apresentada no texto, podemos levantar questões importantes sobre as operações de articulação dos enunciados. O efeito de apagamento do termo "felicidade", produzido por diferentes mecanismos enunciativos (via reescritura), evidencia o memorável que recorda o passado. Em outras palavras, não é necessário que o Locutor repita continuamente o nome "felicidade", porque pode reescrever expressões como "risadas" (R2), "prazer" (R3), "interesse dos professores" (R5) ou pela sequência "alegria, satisfação, esperança" (R6). Todas essas formas designam "felicidade na escola", permitindo ao leitor compreender as reescrituras, já que elas estão escritas no memorável que organiza a interpretação da entrevista. Além disso, o acontecimento textual, situado em uma temporalidade específica, facilita ao alocutário-leitor virtual o acesso a essas informações reescritas pelos procedimentos analíticos.

Considerações finais

A proposta deste artigo foi analisar as designações da palavra "felicidade" apresentadas no texto intitulado "Ser feliz na escola", tratando-o com as categorias teórico-metodológicas da Semântica Enunciativa. O citado texto apresenta um artigo de opinião escrito por Denise Desiderá, diretora de uma escola privada, na qual ela compartilha sua visão sobre como a felicidade pode ser desenvolvida ou adquirida no espaço escolar. Esse texto integra a coluna "A tal felicidade", publicada na revista digital "Veja São Paulo". Em relação a nossa análise, pautou-se nos conceitos de reescritura e de articulação.

Para concluir, retomamos três questionamentos centrais: Que sentidos são produzidos para felicidade? Como esses sentidos se movimentam nos dizeres da entrevistada? Que efeitos esses sentidos produzem/produziram na educação? Diante disso, podemos apontar alguns encaminhamentos que a análise nos permite concluir e que se relacionam com a produção do sentido construída nesse texto.

Com base em uma teoria semântico-enunciativa de caráter materialista, analisamos como os dizeres da entrevistada configuram sentidos que associam felicidade às ações promovidas pela escola, como atividades que proporcionam leveza e contentamento para os alunos. Entretanto, esse foco acaba por apagar o papel principal da escola como difusora de conhecimento, deslocando a centralidade das responsabilidades acadêmicas para questões institucionais e emocionais.

Nos mecanismos analíticos, demonstramos que o alocutor-diretora legitima seus dizeres por meio de sua posição histórica de autoridade, com base em sua trajetória de 25 anos no ambiente escolar. Essa legitimidade confere força ao dizer que promove um modelo de felicidade vinculado às práticas institucionais, muitas vezes em detrimento da função educacional primordial da escola. Assim, observamos que a configuração desses sentidos desvia o foco para aspectos subjetivos e emocionais, obscurecendo o papel da escola como espaço de formação acadêmica e preparação para as responsabilidades futuras.

O significado de circulação e os sentidos apresentados no acontecimento específico, representados pelo texto do alocutor-diretora, apresentam um caráter político intrínseco ao espaço de enunciação que coloca em referência a língua, seus falantes e suas relações com a exterioridade historicamente determinada. Nesse sentido, o alocutor-diretora utiliza sua posição legitimada pela experiência e pela função que ocupa para construir efeitos de certeza ao que é enunciado, disputando o lugar da verdade sobre o que significa "ser feliz na escola".

Dessa forma, o estudo enunciativo nos permite compreender como a linguagem, nesse espaço, opera e consolida essas certezas, ao mesmo tempo em que reflete sobre a maneira como a felicidade é representada e articulada no discurso escolar contemporâneo.

Por fim, após a análise realizada, identificamos diversas reescrituras da palavra "felicidade" no texto supracitado. Julgamos que essas formas de reescrever o termo não apenas asseguram a coesão e a coerência do texto, como também reforçam a conexão entre o conceito de felicidade e o contexto escolar no qual o texto se insere. Além disso, observamos que essa estratégia discursiva pode funcionar como um meio de atrair "clientes" para a instituição, uma vez que a escola não se apresenta apenas como um espaço de transmissão de conhecimento, mas também como promotora da felicidade, incorporando essa meta em seu discurso institucional.

A presença do espaço escolar no texto, mediada pelas vivências relatadas pelo alocutor-diretora e associada às nossas próprias experiências como educadores, facilita uma identificação mais aprofundada das designações atribuídas à palavra "felicidade", ao mesmo tempo tão comum e tão complexa.

Tratar a felicidade em um ambiente escolar pode parecer, à primeira vista, uma tarefa desafiadora, mas não impossível. Conforme exposto em um dos recortes do texto, os alunos experimentam a felicidade na medida em que suas necessidades são atendidas. Assim, direcionar o foco para essas demandas poderia ser uma estratégia para alcançá-la rapidamente. No entanto, esta abordagem levanta questões importantes: seria realmente

eficaz? Seus efeitos perdurariam a longo prazo ou seriam apenas temporários? Tais reflexões permanecem em aberto, abrindo possibilidades para investigações em estudos futuros.

Referências

ELIAS DE OLIVEIRA, S. Ants: um gesto de nomeação. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 213-227, 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/tYSbi>. Acesso em: 08 nov. 2024.

GUIMARÃES, Eduardo. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 51, n. 1, p. 49-68, 2009. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dbUcT>. Acesso em: 06 nov. 2024.

GUIMARÃES, E. **Análise de texto**: procedimentos, análises, ensino. Campinas, SP: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. **A palavra**: Forma e sentido. Campinas: Pontes, 2007.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas-SP: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, E. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas-SP: Pontes, 2018.

SOUZA, D. S. **Sentidos de impeachment no caso Dilma Rousseff**: um estudo semântico. 2019. 88f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/LWhJn>. Acesso em: 01 nov. 2024.